

UMA INSTITUIÇÃO E SEIS PERCURSOS: Apontamentos biográficos sobre alunos da Escola do Magistério Primário de Évora

Maria Teresa Santos | Universidade de Évora

O texto centra-se nos percursos de seis alunos da Escola do Magistério Primário de Évora, da década de cinquenta. Visa registar mudanças e continuidades na construção de carreiras pessoais, a partir de uma experiência formadora comum. Recorreu-se à reconstituição de biografias de alunos que é, indirectamente, um recurso para se reapropriar da memória de uma instituição de ensino, pois “[...] não temos nada melhor que a memória para significar que algo aconteceu, ocorreu, se passou antes que declarássemos nos lembrar dela” (Ricouer, 2007: 40). Trata-se de uma evocação que tem implícitas as noções de apagamento e de destruição, as quais são teoricamente tidas em consideração a partir do livro *A Memória, a história, o esquecimento*, de Paul Ricouer. O texto não resulta de um “trabalho de luto”, usando aqui a expressão de Ricouer, mas de uma reacção ao avançado esquecimento que segue a sombra da destruição.

Começa-se por uma nota prévia: o que causa perplexidade

Apesar de Évora ser uma cidade Património Mundial da Humanidade, prerrogativa concedida pela UNESCO no dia 25 de Novembro de 1986, a salvaguarda do seu património cultural não desencadeou um exercício de vigilância concertado sobre os seus bens (no sentido do verbo latino

‘superintendere’), ou seja, não cuidou, com intencionalidade (*‘intentio’*) valorativa e resignificativa, dos bens do seu espaço público, o correspondente a uma área total de 12 hectares delimitada por uma muralha uniforme com cerca de 4 quilómetros de perímetro. Diga-se, uma área patrimonial considerável!

Um dos dois critérios específicos decisivos da classificação de Évora pelo Comité do Património Mundial da UNESCO foi ser exemplo duma arquitectura urbana homogénea do século XVI: “*Evora is the finest example of a city of the golden age of Portugal after the destruction of Lisbon by the earthquake of 1755*”. Entre as edificações legadas de seiscentos destaca-se o convento de Santa Mónica vinculado à Ordem das Agostinhas Calçadas, que no século XX serviu para instalação da Escola do Magistério Primário de Évora [EPME]. Todavia não é o edifício em si que agora nos interessa, cuja preservação, quer da parte construída original, quer da construída por demolição da parte em ruínas se afigura garantida. Trata-se antes de sinalizar a incúria relativa ao património documental da Escola, representativos dos processos de estruturação interna e referência para a compreensão da realidade institucional. Documentos como livros de actas e de tomada de posse dos docentes, ou outros documentos não oficiais mas igualmente apreciáveis para suscitar uma visão

integrada, desapareceram ou foram deitados fora por arbítrio anónimo de “não se sabe quem”, quer durante a transição do arquivo da Escola do Magistério Primário de Évora para a Universidade de Évora, quer na alocação desse arquivo na própria Universidade. Na tentativa de encontrar os documentos contactou-se a última directora, a professora Adélia Tojo Murteira Reis, que mencionou ter entregado um inventário dos bens e que o arquivo fora alojado provisoriamente numa das salas do Palácio do Vimioso. Por qualquer razão o arquivo transitou para uma arrecadação do colégio Luís de Verney. Sabe-se que foram destacadas duas funcionárias da Sessão de Pessoal para transladação desse arquivo, pois chovia na dita arrecadação. Deitou-se fora o que estava estragado, limpou-se o pó do que restava e recolou-se tudo numa outra arrecadação, por onde se entrava pela janela, pois a porta estava vedada devido às obras que decorriam no edifício. Depois o arquivo foi enviado para a capela seiscentista de Nossa Senhora da Conceição, que fica no Colégio do Espírito Santo. Para se seleccionar o arquivo, de modo a orientar a sua distribuição e depósito por estruturas funcionais, apelou-se à boa vontade de uma ex-empregada da Escola do Magistério, a D. Tilinha, de quem ninguém se lembra do apelido. A partir desta tarefa é possível localizar uma parte do arquivo na Biblioteca Geral da Universidade, nos Serviços Académicos e na Secção de Pessoal. Outra parte teria ido para a Mitra, a 16 km de Évora e daí para o Edifício dos Leões, onde se acumulam ‘dossiers’ em estantes, às quais não se acede por os corredores estarem obstruídos, devido à acumulação de sacos plásticos pretos com mais ‘dossiers’. Supõe-se que alguns desses sacos, cobertos por uma camada de pó asfixiante, contenham material da Escola do Magistério Primário.

O relato da localização do arquivo da EMPE causa particular perplexidade por Évora ser uma cidade mundialmente comprometida com o acautelamento da deterioração ou do desaparecimento do seu património, seja o edificado, seja o que integra o edificado, pois ele é sempre singular e insubstituível, independentemente da instituição de pertença ou acolhimento.

Ora o conceito de património cultural pressupõe a efectivação da relação com o espaço público, no sentido de um fenómeno sociopolítico vincutivo e identitário, e implica conservação dos registos de constituição, funcionamento, realização e pertença a tudo o que foi valorado como tal. Honorio Velasco sublinha o compromisso das instituições na seguinte definição:

patrimonio cultural es una categoría que se ha logrado instalar en la sociedad civil tras una larga historia de esfuerzos puestos en producir una sensibilización general, y el haber logrado la implicación de las instituciones públicas en su protección y conservación frente a numerosas y poderosas asechanzas [...] intentando proporcionar perdurabilidad a determinados elementos en una sociedad cuya dinámica parece inexorablemente regida por la idea de cambio (Velasco, 2007: 29).

Numa sociedade em processo de informatização tecnológica que tudo divulga e quase dispensa o papel como suporte de registo, assume-se defensivamente uma atitude rigorosa e séria de catalogação e conservação do património. Uma atitude decorrente de uma ideologia conversadora e reactiva ao desenvolvimento imediatista, incerto, que tudo apaga e esquece. Como esclarece Honorio Velasco, o conceito de património está associado a “*una ideología, el conservacionismo, cuya consistencia se forja frente a otra ideología, el desarrollismo*” (Velasco, 2007: 30). Foi este conservadorismo testemunhal e identitário (a interpretar sem conotação sociocultural negativa) que Évora, cidade Património Mundial da Humanidade, não respeitou.

Para além de Évora ser cidade Património Mundial da Humanidade também é Cidade Educadora desde 2001, aquando da subscrição da Carta de Princípios das Cidades Educadoras, na sequência dum congresso internacional realizado em Lisboa, em 2000. O município assumiu que Évora é mais que espaço construído de concentração monumental e humana: configura-se como um projecto de vida, de intencionalidade interactiva formativa, situado num espaço urbano com valor patrimonial. Apesar de a cidade ser educativa, seja pela memória que conserva e evoca, seja pelas estruturas culturais que possui e disponibiliza, acresce ser uma cidade educadora. Tal significa que o seu plano estratégico de actuação está comprometido com um projecto de habitação local de responsabilidade global, orientado por três objectivos transversais: um, a formação humana em qualquer das actividades promovidas; outro, a participação e convivência de todos, sem exclusões, nem visões reducionistas da realidade; um outro, o desenvolvimento sustentado. Simplesmente nela tem lugar a educação: “*Pelo facto de ser cidade é, em si mesma, fonte de educação, a partir das suas múltiplas esferas e para todos os seus habitantes*” (Figueras, 2012). Todavia, e porque a educação implica uma relação intercomunicativa, é “*fonte de educação*